

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — Lyster Franco e João Pedro de Sousa

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redação, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.ª de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

PARA A HISTORIA

Causou a mais desagradável impressão nesta cidade a serie de disparatadas balelas que a *Provincia do Algarve*—órgão do partido regionalista de Tavira—se lembrou de espalhar aos quatro ventos da fama, ácerca dos acontecimentos de Faro.

E' certo que ha muito vinha causando dolorosa extranheza, entre os republicanos desinteressados e sinceros e entre todos os verdadeiros liberaes, a forma incorreta e disparatada e a pouca seriedade com que n'aquelle jornal, dirigido por um ex-ministro, se ventilavam as mais graves e importantes questões respeitantes á politica geral e aos interesses desta provincia.

O mal vem, é certo, de ha muito tempo.

Vem desde o momento nefasto em que o antigo jornal republicano, abandonando os seus principios de critica e de discussão leal, passou a ser orientado por espiritos tacanhos de pretenciosos inuteis, que nada sabem trazer de valioso e de aproveitavel a este cadinho de Progreso, que é a imprensa periodica.

Vem desde o momento celebre em que, transformado em extental de odios e de incompatibilidades pessoas, a *Provincia do Algarve*, órgão de um ministro de Estado, o desmentia nos seus artigos, o contradizia a cada passo, empenhada como estava, por extranhas forças, em lançar o descredito e o ridiculo sobre o governador civil de então, o austero republicano Julio Cesar Rosalis, tão rudemente tratado que esteve á ponto de ver-se atingido por uma torpe campanha de descredito pessoal, que tinha por fim enlamear a pureza do seu caracter e obscurecer as suas qualidades de cidadão honesto e probo e de dedicado amigo da Republica.

Toda essa campanha ignobil obedecia ao odio felino de certos despetidos que, não tendo encontrado no então governador civil do Algarve, predisposição para acolher de bom grado os salamoleques e venias dos rasteiros bajuladores que pretendiam adula-lo, desde logo lhe ficaram consagrando um odio de morte, que depois se desentranhou em mil desconsiderações e atropelos.

Estão ainda na memoria de todos os artigos asnatados publicados nesse tempo pelo órgão regionalista de Tavira!

Havia neles o extravazar imundo de um odio recalcado; um nervosismo comparavel ao do assassino assalariado que, ao abrigo de uma esquina, espreita a vitima para roubar-lhe a existencia.

Não era a vida que pretendia

roubar-se ao sr. Rosalis, era a sua reputação de homem honesto e de republicano austero; e por isso os golpes repetiam-se, os ataques sucediam-se de forma ininterrupta, mas sempre tão desorientados e imbecis que até se deu o caso unico nos fastos da tolice da humanidade de ver-se um jornal dizer em letra redonda *precisamente* o contrario do que dizia em pleno parlamento, o homem cujo nome figurava no seu cabeçalho como diretor!

Nós combatemos tambem o sr. Rosalis como governador civil, mas o nosso combate, que foi desde o campo jornalístico, até ao comício publico, primou sempre por leal e cortez, sem que de todo ele resultasse qualquer indignidade que pudesse macular-lhe as intenções.

Entendiamos e entendemos que num regimen democratico, todos os gestos politicos devem ser acentuadamente definidos e por isso, combatemos o sr. Rosalis por ter dissolvido a primeira comissão municipal republicana sem dar explicações do seu gesto.

Soubemos depois que tal procedimento lhe tinha sido ordenado pelo ministro do interior, e medimos então em toda a sua profundidade o abismo de repelentes torpezas em que se pretendeu despenhar o velho republicano Julio Cesar Rosalis!

Demitido este, todos nós julgamos que, tendo desaparecido a causa que tornava rabiosa a *Provincia*, esta se acomodasse e voltasse aos seus antigos tempos de bom senso.

Mas qual!

Com a vinda do sr. Paulino de Andrade—um exhibicionista vasio, divorciado de toda a opinião republicana com quem desastrada e estupidamente se malquistou,—o órgão regionalista de Tavira peorou nas suas crises de demencia e de disparatado impulsivismo e ei-la feita cartaz animatografico das virtudes civicas e das proezas regedorias do sr. Paulino de Andrade lá pela terra dos tigres, das hienas e das serpentes.

Todavia, quando se tem o nome no cabeçalho de um jornal, quando se gosa de uma fama austera e, bem ou mal se sobraçou uma pasta de ministro, adquiram-se certas responsabilidades a que não é facil fugir.

Vem isto a proposito das irritantes atoardas espalhadas pela *Provincia*, onde, como em nicho de capela sertaneja, figurou sempre, e figura ainda hoje, o nome do sr. dr. Silvestre Falcão.

Nem nos ocupamos a desmentir o acervo de caluniosos disparates publicado pelo jornal regionalista da Tavira, cujos bons creditos naufragaram desde que passou a ser manipulado por incom-

petentes sem escrupulos, desorientados pela mais intensa fobia da exhibição jornalística.

Não! Para entrarmos em tal campo seria necessario esquecer o respeito que devemos aos nossos leitores e o proprio brio da nossa dignidade.

Nestes termos estava naturalmente indicado que trouxessemos para o campo das responsabilidades o sr. dr. Silvestre Falcão e fazemo-lo sem odios nem ressentimentos, lamentando que este sr., na sua dupla qualidade de medico e de politico, não tivesse um vislumbre de bom senso que o levasse ao gesto honroso de impedir que nas colunas de um jornal que tem o seu nome se levantasse a mais ignobil campanha contra um medico distinto, que, muito embora não saiba ou não queira fazer-lhe sombra no campo politico—o que não seria difficil a qualquer mortal, mesmo sem ser medico—lhe faz certamente sombra no campo profissional.

Onde estava o sr. dr. Silvestre Falcão que assim consentiu que nas colunas do seu jornal um despeitado invejoso tentasse macular com um qualificativo ridiculo, enxertado numa prosa de emprestimo, a justa reputação do sr. dr. Candido de Sousa, um clinico distinto que só devia merecer-lhe consideração e respeito?

Todos os fenomenos tem explicação.

Comtudo—apezar de todas as hostilidades que o órgão regionalista de Tavira procura levantar contra nós, na furiosa sanha que atualmente o domina de exterminar o partido democratico algarvio,—concluiremos que o sr. dr. Silvestre Falcão, neste caso, deixou operar livremente o seu *avatar*, não pensando que de um tal procedimento poderia deduzir-se uma certa dose de despeito e de raivinhas contra o profissional conhecido, que é no fim de contas para o sr. Falcão, um official do mesmo officio!

Ninguém lamenta mais do que nós os acontecimentos que se deram em Faro, mas este fato de forma alguma nos impossibilita de formular o mais veemente protesto contra aqueles que, aproveitando jesuiticamente, traçojeiramente, a ocasião, procuram a todo o transe desvirtuar a verdade dos fatos e tentam desprestigiar o já importante nucleo do partido democratico de Faro.

A esses o nosso desprezo, não como inimigos politicos—que a tal craveira não chegam—mas como serventuários estupidos, capazes de estragar a melhor causa!

Bom será, pois, que os desequilibrios dum triste dementado e as invejas, profissionais d'um medico, deem por terminados os seus gestos de doidice e de despeito.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

Paulinices

Dizem-nos que em Tavira, um simpatico republicano, serventuario da firma *S. Silvestre, Padinha, Paulino e Comp.*, se marfou ao deparar com um rapazote que, por dever civico, distribuia alguns manifestos dos republicanos de barlavento, de propaganda contra a nefasta politica do paulinissimo chefe. O rapazote foi levado á presença do sr. administrador e, pelo que se vê, teve muitissima sorte em não ficar detido!

Em todo o caso, os manifestos sempre se foram rasgando, á cautela, e isto a dois anos da implantação da Republica!

Ai gente, gente de Tavira! Tudo selvagens... a não ser os assinantes do *Heraldo*.

Justiça de funil

A' ultima hora, informam-nos de que a autoridade administrativa não enviou nem via para juizo nenhum auto policial contra o Ludovico de Menezes, pelos crimes que praticou junto da loja do barbeiro Assis, na tarde do dia 25.

Ninguém duvida de que o Ludovico puxou dum revolver «que por sinal era do seu patrão dr. Silvestre» e de que ele proprio quando foi preso, declarou que não tinha licença de uso e porte de arma, sendo certo que até varias pessoas, e entré elas o captor que foi o agente de policia n.º 38, lhe ouviram pedir ao mesmo captor que *lhe não apreendesse o revolver, que o desgraçava porque não tinha licença*.

Desde então para cá, não consta que o sr. commissario tenha ouvido quaesquer testemunhas sobre o assunto e cremos que até nem pensou nisso.

Agora, vem o proprio commissario declarar que não mandou o auto para juizo, *porque o Ludovico lhe apresentou a licença de uso e porte de armas (!!!)*

Ora, quando foi que o Ludovico perpetró os crimes a que nos estamos referindo? No dia 25. E quando apresentou a licença? No dia 29. Que fez o sr. commissario desde o dia 25 até ao dia 29? Dormiu sobre o caso, á espera que o Ludovico arranjassem a licença!!!

Muito bem! Multissimo bem! Mas tudo deveria acabar? Que delitos praticou o Ludovico? Vejamos: Visto que puxou dum revolver, sem a respectiva licença de uso e porte de armas, ou sem autorização legal, incorreu no crime previsto no artigo 253.º § 1.º do Código penal, que diz assim:

«Aquele que sem licença da autoridade administrativa ou sem autorização legal... usar armas brancas ou de fogo, será condemnado a prisão correccional até seis mezes e multa correspondente.»

Visto que num lugar publico, alterou, por meio de gritos subversivos a ordem ou tranquillidade publica, está incurso no artigo 185.º § 2.º do código penal, que diz assim:

«Aquele que nalgum lugar publico levantar gritos subversivos... da ordem publica, será condemnado em prisão correccional até tres mezes.»

Visto que ameaçou alguém, usando um revolver, cometeu o crime previsto no artigo 363.º § 2.º do Código penal, que diz assim:

«A ameaça com arma de fogo, em disposição de causar mal immediato, considera-se offensa corporal e é punida com prisão correccional até tres mezes.»

Ora, em presença de tantos crimes, quem autorizou o sr. commissario de policia a declarar que não mandava nenhum auto para juizo?

Tem que o mandar. E' a lei que assim o ordena, e se o não mandar, não cumpre o seu dever.

Demais, capturado o Ludovico, o sr.

commissario não o podia soltar: a sua estrita obrigação era envia-lo para juizo, porquanto a *apreciação da natureza, circunstancias e culpabilidade dos fatos arguidos aos prezos é da exclusiva competencia do poder judicial*, como assim o atestam varias portarias desde 1837 a 1839.

Percebeu o sr. commissario? Pois então vá levantando autos de investigação contra o Ludovico de Menezes, cumpra o seu dever e... não tenha medo de que outros poderes mais altos o ponham fora do seu lugar.

Porque se os não cumprir, nem por isso o Ludovico deixará de ser chamado aos tribunales.

Nota—Alguem, talvez a proposito, nos aponta o § 3.º do artigo 185.º do código penal, que se pronuncia d'este modo:

«Aquele que nalgum lugar publico se apresentar em manifestado estado de embriaguez, será condemnado como contraventor a multa até oito dias.»

Mas isto é forte de mais e, alem disso, podem lembrar-se de tomar o caso como circunstancia atenuante e o Ludovico, por este caminho, iria para o olho da rua!

Zum-zuns

Constou por aí que o sr. major Paulino tencionava expulsar da respectiva corporação o guarda civico n.º 15 por este não ter feito capturas quando assistiu á celebre refrega da rua das lojas.

Consta agora que o mesmo guarda—testemuha ha precencia dos fatos e que como tal os descrevia de forma muito honrosa para o sr. dr. João Pedro de Sousa,—resolveu recolher a fala ao bucho e movido por *tenebrosas* influencias, já não diz coisa que se pareça com as suas primitivas declarações.

Diz-se tambem que o mesmo guarda já não é expulso.

Não poderia o sr. major Paulino explicar-nos este fenomeno que tanta curiosidade está despertando entre todas as pessoas que imparcialmente tem apreciado os ultimos sucessos?

Seja franco o sr. Paulino de Andrade. Seja franco!

De quem era a arma?

Vae um fremito de curiosidade por toda a população citadina que procura á viva força investigar a quem pertenceria o celebre revolver empunhado pelo sr. Ludovico de Menezes, quando, em manifesto estado de exaltação, pretendeu a-sassinar um auzente.

A falar a verdade o caso está intrincado a valer.

Que o sr. Ludovico premeditara a cena comica em que se exhibiu, pedindo um revolver emprestado ao sr. Ventura Vilhena, já nós sabiamos; que disse que «ia a Tavira pedir ao seu compadre Falcão qualquer arma emprestada» tambem nos constou; mas d'al a estabelecemos com o indispensavel rigor a proveniencia do instrumento homicida vae tão grande distancia como daqui á lua.

Se, em vez de revolver, fosse alguma azagaia seria mais facil a tarefa e escusavamos de andar a quebrar a cabeça com tantas suposições...

Terreno conquistado

Queixam-se-nos varios assinantes da rua de S. Pedro e seus arredores, de que tudo para aqueles sitios está num perfeito desaforo, e até nos dizem que o celebre e autentico *Beigo Rachado* tem aparecido de carabina ao hombro, sempre em guarda para defender o seu amo e senhor.

Pois ainda isto é pouco. Tambem nós fomos hontem arreliaados pelo *Beigo Rachado*, que, em attitude provocadora, passou junto da nossa redação.

Mas que?! Toda a gente sabe que o provocador anda de costas quentes, protegido pelo seu amo e senhor, e que, *mesmo que não tenha licença* de porte de armas, sempre tem o privilegio de a arranjá a ultima hora.

Exatamente como o Ludovico!

CONTOS E NOVELAS

A CRUZ DE HERWIGIA

LENDA TODELANA

(DE RAFAEL TORROMÉ)

I

El rei Witisa, penúltimo da monarquia wisigótica, foi prudente e comedido no princípio do seu reinado, talvez porque a juventude da alma, como a do corpo, tem naturalmente expressões gentis e rasgos de beleza; porém, à medida que os anos o amarguraram e as proeminências do poder e ensoberbeceram, trocou a cordura em ousadia e a prudência em atrevimento.

Quiz a desgraça que este rei se enamorasse de Herwigia, mulher de D. Favila e dama principal da corte; porém, compreendendo que nem ela levaria a vassalagem até aos limites do adultério, nem ele poderia contentar-se senão com a sua posse livre e plena, determinou assassinar o seu rival para que a viuvez de Herwigia aplanasse os impedimentos provenientes do seu matrimónio.

Assim, pois, el-rei, mascarando a sua maldade com aparentes receios políticos, um dia convocou, em seu alcaçar de Toledo toda a nobreza, e quando a viu reunida subiu ao trono e com voz austera e grave falou assim:

—Acabo de saber que entre vós ha um, cujo nome ignoro, que conspira contra o seu rei; para descobrir quem seja apelo para um Juízo de Deus que patenteará a verdade desta maneira: Vou cobrir os meus olhos com uma das mãos, com a outra lançarei o meu punhal de ferro, aquele a quem atingir, esse será o culpado.

Seguidamente fingiu el-rei tapar os olhos com a mão esquerda, todavia entre os dedos tremulos olhava rancoroso para D. Favila, contra o qual arremessou a sua arma, atravessando-lhe o peito.

O infeliz caiu banhado em seu próprio sangue; a corte horrorizou-se perante aquela cena. Herwigia perdeu os sentidos nos braços de algumas damas que a acompanhavam, e o rei, em pé junto do trono, indeciso e tremulo, sentia que conjuntamente lhe lavravam seu peito as chamas do amor e a fogueira do remorso.

Fingindo sentir muito a morte de D. Favila, não só pela traição do vassalo, mas também pela perda do amigo, Witisa derramou abundantes lágrimas, todavia os nobres, embora não suspeitassem da perfidia encerrada n'aquela falso Juízo de Deus, desde logo resolveram viugar a morte do illustre fidalgo...

II

A desventurada Herwigia, que amava terna e profundamente seu esposo, renunciou a todos os afetos da vida para consagrar-se ao amor divino encerrada no claustro de um convento; quando el-rei, por muitas e repetidas instancias, procurou desviar-la do seu intento, não o conseguiu porque a dama respondeu-lhe:

—Meu esposo morreu ás vossas mãos e por Juízo de Deus, visto que o meu soberano e o meu Deus querem que eu seja livre, devo cumprir a pena da tristeza que me deram.

Não podendo Witisa vencer tal decisão nem enfraquecer o entusiasmo piedoso da sua amada, tendo ciúmes da divindade assim como já os tivera de um homem, intentou relaxar os costumes dos sacerdotes para induzidos a toda a casta de desmandos; proclamou arcebispo de Toledo um seu parente e autorizou os clérigos a contraírem matrimónio.

Estes sacrilegios mais aborrecido o tornaram aos olhos de toda a gente e, em vez de conseguir um estriamento na fé dos seus vassallos, apenas logrou que contra ele se tramassem conspirações, quasi todas dirigidas por D. Rodrigo, que aspirava ao trono de Hespanha.

Cada vez mais escravo da sua paixão, e com o desejo mais acendido quanto mais contrariado, conseguiu Witisa com dadas e honrarias, peilar uma monja do convento onde se encontrava Herwigia e, auxiliado por esta cúmplice, penetrou uma noite n'aquella santa reclusão, sendo secretamente conduzido à cela da viuva de D. Favila.

A nobre dama quando se encontrou na presença do rei, censurou-o por vir a taes horas visitá-la, porém Witisa desculpou a sua ousadia com a tentadora beleza da illustre senhora, pedindo-lhe que olvidasse antigos ressentimentos e confessou-lhe o intenso afeto que lhe dedicava desde muito, pelo que, no animo de Herwigia, se confirmou a suspeita de que el-rei fizera morrer seu marido pretextando um Juízo de Deus na aparência, mas cedendo na realidade, ás tentações da maldade, impellido pelo demónio do amor.

Desperto já o odio n'aquella coração em que Witisa espera encontrar o seu amor correspondido, a gentil viuva despediu-o indicando-lhe a porta com um gesto cheio de magestade; ele, porém, não cedeu,

antes, imperiosamente, exigiu a satisfação dos seus brutos desejos.

Em tal extremo Herwigia compreendeu que só Deus poderia defendê-la do rei e, pegando n'uma cruz de metal que havia sobre um retabulo, com ela escudou seu corpo.

Mas Witisa tinha avançado muito para recuar mesmo perante o simbolo do cristianismo.

Arrebatou a cruz das mãos de Herwigia, abriu furtoso a janela que dava para o Tejo e lançou a santa insignia á profundidade do rio.

A cruz descreveu um grande arco no espaço e caiu, depois, de pedra em pedra, arrancando sons metálicos que lembravam o entrecostar de muitas laminaes, cruzando-se em cruenta guerra; por fim, através a bruma que se erguia áquella hora, afundou-se nas águas turvas sobre as quaes pairou, por instantes, um reflexo sangrento...

Naquelle momento, milhares de guerreiros em cujas armas reverberava a luz, invadiram as fortalezas. Eram os parciais de D. Rodrigo que chegavam, na sublevação contra o cruel Witisa...

I

O penúltimo rei dos Wesigodos foi destronado por D. Rodrigo para uma fortaleza de Cordova, e, para que perdesse para sempre as idéas de recuperar novamente o trono, mandaram arrancar-lhe os olhos.

Conta a tradição que o infortunado Witisa quando se encontrou agonizante, estendido no solo, sem amparo nem socorro algum, e sem mais remedio que uma bilha de agua para apagar a sede da sua febre mortal, sentiu voltar-lhe a vista ás esvasiadas orbitas e dirigindo o olhar para as paredes do carcere, viu, quasi junto de si, a relutante cruz de metal que outrora arrancara das mãos da linda Herwigia.

Tornou a ouvir, também, os sons metálicos que a santa insignia produzira, caindo de pedra em pedra, até ao rio e pareceu-lhe que o sangue de D. Favila, brotando na sua frente, lhe caia, gota a gota, nos olhos.

Naquelle transe supremo, Witisa juntou as mãos e olhando cheio de arrependimento a cruz que com tanta colera fiára quando era rei e poderoso, resou com fervor pela primeira vez na sua vida, emquanto que o espirito se lhe desprendia da miseravel prisão da carne pecadora.

Lyster Franco.

DIA HISTORICO

31 de agosto

1513—Tomada de Azamor pelos portugueses.

1813—Ataque de S. Sebastião.

1839—Convenção de Vergara, entre os generaes Espartaco e Marote.

1870—O exercito francez retira de Metz.

1 de setembro

1503—Entra em Lisboa o primeiro tributo do Oriente.

1715—Morte de Luiz XIV.

1813—Combate de Vera.

1833—Cerco de Lisboa pelas tropas do marechal Baumont.

1910—Declara-se a greve geral em Saragoça.

2 de setembro

31—A. C.—Batalha de Accio.

1591—Victoria dos Portuguezes em Chaul.

1630—Horroroso terremoto na ilha de S. Miguel, onde rebenta um vulcão.

3 de setembro

1649—Morre preso em Milão o infante Duarte de Bragança, irmão de João IV.

1658—Morte de Cromwel, na idade de 59 anos.

1758—Atentado contra José I.

1759—O marquez de Pombal expulsa os jesuitas.

1833—Partida das tropas do Porto sobre Penafiel.

1910—Morte do illustre professor Consiglieri Pedrosio.

FILOSOFIA PRÁTICA

PENSAMENTOS

As revoluções políticas são os balões de oxigenio empregados na terapeutica social.

Albiani.

A mulher é um quadro com duas faces. Vêde-a por um lado e nada ha tão agradável; considere-a por outro: não ha coisa mais terrivel.

C. de la Barca.

Não ha religião mais sublime que a verdade.

C. Calvo.

EM DEFESA DA REPUBLICA

Ainda hoje se não fala n'outra coisa que não seja a celebre questão do 33.

Os habitantes de Faro conhecem de sobra todas as passagens d'estes notabilissimos acontecimentos, que dominaram a opinião publica; seguiram-lhes mais ou menos todos os momentos, desde as primeiras notas de reportagem até ás ultimas trações de que foi victima o sr. dr. João Pedro de Sousa. Para esses, era positivamente desnecessario fazer novas considerações sobre o caso. Mas é preciso, é indispensavel orientar a opinião dos nossos leitores de fóra da cidade, a quem a insidia ou a artimanha de quesequer difamadores profissionaes ou a alcoolica Provincia do Algarve tenham pretendido convencer das calunias que se lembraram de vomitar.

Produtos dos incidentes, pelo abuso dos officiaes, foram eles descritos e commentados pelo nosso jornal do mesmo dia. E' certo que a descrição, feita em seguida aos acontecimentos, soffria um pouco de rijeza ou exaltação que se nos apoderava do espirito, mas nem porisso ella foi menos verdadeira em todas as suas situações.

Veit, porém, a desmentada e invejosa Provincia do Algarve e, com todos os seus propositos caluniadores, aventou que os fatos se passaram com desprestigio para o sr. dr. João Pedro de Sousa, que afinal colheu braçadas de loiros.

Na descrição dos acontecimentos, a Provincia não expoz uma unica verdade; mentiu, caluniou desde o começo ao fim. Creou posições que ninguém viu; fantasiou palavreados que o tenente Ramos não proferiu; idealizou escarros; inventou grupos e bandos; fez coisas diabolicas. E diz que não tem receio de ser desmentida, ella que se bestialisava com os vapores do alcool, no momento em que bousou tão negras difamações!

Não tem receio de ser desmentida!

Pois então, para facilmente lhe provar que a desmentimos, não com palavras nossas, mas com os declarações categoricas de pessoas insuspeitas, publicamos em seguida uma serie de cartas sobejamente elucidativas.

Elas aqui ficam para quebrar os dentes á mentecapta e despeitada Provincia do Algarve, que tão porcamente vive da calunia, e para fazer a prova indetritivel das agressões covardes e traiçoiras de que foi victima o sr. dr. João Pedro de Sousa.

Ex.^{ma} Sr.

Deve v. estar lembrado de que no momento em que outro dia á noite (dia 20) me sentei junto da Tabacaria Central, ao pé de varios cavalheiros a cujo numero v. pertencia, estava nesse grupo, mas do lado oposto ao meu e á distancia de 4 ou 5 metros, o tenente do 33 Antonio Franciscodos Ramos.

Alguem procura insinuar que o referido tenente Ramos, antes de chegarmos á vias de fato, me dirigiu quaesquer frases, que é o mesmo que dizer que me preveniu do ataque!

Tambem, com a mesma falta de verdade, quem quer que seja pretende fazer constar que eu, chegado ao grupo, tive para com o mesmo tenente Ramos ares provocadores.

Ora, como v. estava presente e observou toda a minha serenidade e boa educação, e alem disso, como deve estar certo de tudo que se passou, tome a liberdade de vir incomodá-lo, pedindo-lhe que numa ligeira carta me dê o seu parecer sobre o caso.

Esperando dever-lhe a consideração da sua resposta, subscrevo-me.

De V.

João Pedro de Sousa.

Ex.^{ma} Sr.

Em satisfação ao assunto da carta de v. de 27 do corrente, venho responder-lhe o seguinte:

Que á chegada de v. a uma das portas da Tabacaria Central na noite de 20 a que se refere, não vi da parte de v. qualquer intenção provocadora, bem como também não ouvi altercação alguma entre v. e o tenente Ramos antes de chegarmos á vias de fato.

Com a devida consideração subscrevo-me.

De V.

João Basilio Correia.

Ex.^{ma} Sr.

Respondendo, de bom grado, á carta com que v. acaba de me honrar, tenho a informar o seguinte:

Estive efetivamente sentado á porta da

Central na noite em que se deu o conflito, conversando com o sr. capitão Coutinho junto do qual me sentei porque já de tarde andavamos passeando. Vi chegar v. mas não notei o momento preciso em que se sentou, assim como o não vi dirigir qualquer movimento que se podesse supor uma provocação ao sr. tenente Ramos porque qualquer cousa me entreteria em conversa com o sr. capitão Coutinho. Do mesmo modo, não posso precisar o momento em que a agressão teve o seu inicio, vendo-os só depois já dentro da tabacaria onde já muitos cavalheiros intervinham.

Não vi o tenente Ramos chegar-se para v. antes da agressão, estando convencido de que nada teria havido até então. E' tudo quanto se me oferece dizer.

De V.

F. Silva.

Ex.^{ma} Sr.

Em resposta á carta de v. neste momento recebida, e visando o seu conteúdo, apresso-me a communicar-lhe que, no conflito que se deu na noite do dia 20, entre v. e o sr. tenente Ramos, só chamou a minha atenção a luta entre os dois aludidos cavalheiros, procurando eu nessa occasião, por dever civico, separar os contendedores.

Subscrevo-me de V.

Antonio Pedro Leal.

Ex.^{ma} Sr. Dr. João Pedro de Sousa.

Respondendo ao pedido que v. me fez na carta que me dirigiu, devo dizer-lhe em abono da verdade, relativamente ao que observei na noite do dia 20 do corrente, em que v. e o sr. tenente Antonio Francisco dos Ramos chegaram a vias de fato, o seguinte:

1.º Que o sr. tenente Ramos estava, assim como eu, assentado junto da porta da farmacia dos srs. Bandeira & Ramos, mas junto á porta que fica para a banda da rua de Santo Antonio.

2.º Que o mesmo sr. tenente Ramos, ao dar-me as boas noites de despedida, se dirigiu para o extremo oposto formado pelos cavalheiros que ali também se achavam na occasião do conflito, onde parou.

3.º Depois disto que acabo de expor e na occasião em que ia desviar a vista para um outro sitio, vi, não sómente que o sr. tenente Ramos se curvava para a frente, mas também que todos os cavalheiros que ali se achavam, se levantaram como que impellidos por um sentimento comum.

4.º Pretendendo saber do que era que se tratava, dirigi-me também para o lado onde tinha parado o sr. tenente Ramos, notando então que alguma coisa de extraordinario se havia passado entre este e o sr. dr. João Pedro de Sousa, isto é, entre ele e v. visto que ambos se achavam separados e contidos—para que não se agredissem—por alguns dos cavalheiros que ali estavam.

5.º Finalmente, declaro que no começo do conflito não ouvi os srs. tenente Ramos ou v. proferirem quaesquer frases, mas sim depois de separados; frases que bem podem ser consideradas como desabafos quasi que irreprimiveis em tão lamentaveis occasiões.

Direi ainda que não dei pela chegada de v. junto do grupo onde se achava; não podendo, por consequencia, fazer referencia alguma aos ares provocadores que v. diz serem-lhe attribuidos em desfavor do sr. tenente Ramos.

Depois do que fica exposto, espero dever a v. um alto favor.

Se depois de colher as outras informações que solicito, puder prescindir da publicação desta minha carta, muitissimo grato lhe ficarei.

Son republicano por convicção e por dever de officio.

Não estou presentemente filiado em qualquer partido politico, o que não impedirá que em occasião oportuna lance na urna o meu voto, retificando, assim, o compromisso de honra que contrai para com o meu pais, quando algum tempo depois da proclamação da Republica, me foi pedida a declaração—sob minha palavra de honra—de defender as atuais instituições.

Mas o que é certo é que eu, pretendendo conservar uma absoluta neutralidade politica, desejo também que esta minha rigorosa orientação não soffra alteração proveniente de causas alheias á minha vontade.

Para que assim succeda, rogo a v. a publicação desta minha carta,—mas na integra—se, como pedi, não prescindir da sua publicação.

Assim não se poderá supor que faço parte do grupo politico a que v. pertence;

ce; suposição que, de resto, muito me honraria, se fosse verdadeira.

Subscrevo-me com a mais alta consideração.

De V.

Justino Frederico Crispim.

Ex.^{ma} Sr.

Em resposta á carta que v. se dignou dirigir-me com data de hoje, sou a dizer-lhe o seguinte:

Perteccia efetivamente ao numero de individuos que estavam á porta da Tabacaria Central na noite do dia 20 do corrente, em que se deu o conflito entre v. e o sr. tenente Ramos, e a minha resposta será a expressão da verdade, por que segundo a minha consciencia ella está a cima de tudo, e faltaria a um dos mais sagrados deveres de homem de bem se assim não procedesse.

Quando v. ali chegou e que se sentou, já o sr. tenente Ramos estava sentado, mas sentado do lado oposto; poucos minutos depois, vi o mesmo sr. levantar-se e passar em redor do grupo que estava sentado, julgando eu que ele seguia rua abaixo, não o seguindo com a vista por conversar com um cavalheiro que estava a meu lado; e foi neste pequeno intervalo de tempo que o sr. tenente Ramos se aproximou de v., não podendo em dizer nada do que se passou no primeiro momento entre os dois; o que não aconteceria nem passaria despercebido, se antes deste momento tivesse havido quaesquer palavras mais ou menos provocadoras, quer da parte de v. quer da parte do sr. tenente Ramos. Logo, conclue-se que, antes de chegarem a vias de fato, nem v. nem o sr. tenente Ramos dirigiram as mais pequenas frases um ao outro, de que podesse resultar ou prever-se qualquer conflito.

Dito isto, julgo responder cabalmente ás perguntas que v. se dignou dirigir-me e não tendo outro assumto a tratar, tenho a honra de me subscrever com a maxima consideração.

Luiz Gago Nobre de Lacerda.

Ex.^{ma} Sr.

Na noite do dia 20 do corrente, noite em que se deu esse lamentavel incidente a que v. se refere na sua carta de 26, estava eu com effeito na Tabacaria Central, mas dentro de casa, conversando animadamente com o sr. Antonio Pedro Leal. Chegou v. e tomou assento na rua, junto da porta mais proxima da farmacia. Nisto, alguém que desconheci e ainda hoje não conheço, mas, que me dizem ter sido o sr. Antonio Francisco Ramos, tenente do 33, dirigiu-se a v.—inesperadamente, ao que me pareceu, atacando-o.

V. defendeu-se como é natural. E felizmente, que isso acabou em bem, devido á intervenção do sr. Antonio Pedro Leal e outros cavalheiros que estavam presentes.

Sempre honrando-se estar ao serviço

De V.

Lino Pereira Amores.

Sr. João Pedro de Sousa

Em resposta á carta de v. com data de 26, sou a dizer que no conflito do dia 20 do corrente, pelas vinte e uma horas, á porta da Tabacaria Central entre v. e o sr. tenente do 33 Antonio Francisco dos Ramos, não houve provocação alguma de parte a parte, pelo menos que eu ouvisse, e de mais a mais estando eu junto de v. e do grupo encontrando-se o sr. tenente Ramos do lado oposto e á distancia de quatro ou cinco metros, o sr. João Pedro de Sousa a instancias do dono da casa, foi buscar uma cadeira e sentou-se e estava serenadamente e distraidamente conversando, quando de repente vejo o sr. tenente Ramos pegado ao sr. dr. João Pedro, e foi então que dei pelo fato da agressão e em seguida varios cavalheiros apartaram. E' esta a expressão da verdade.

Antonio Bernardo dos Santos Serpa.

Sr. Dr. João Pedro de Sousa

Respondendo á sua carta de hoje, declaro-lhe o seguinte: estando eu num grupo á porta da minha tabacaria, grupo de que fazia parte o sr. tenente Antonio Francisco dos Ramos, vi que o meu amigo chegou e eu mesmo lhe offereci uma cadeira. O grupo estendia-se ao longo do passeio e do logar onde o meu amigo dr. estava até ao logar onde se encontrava o tenente Ramos havia uma distancia de talvez 5 metros. Vi que se sentou ao pé dos srs. Antonio de Serpa e João de Paiva. Nessa altura já eu estava junto do tenente Ramos e major Crispim. Notei que

o tenente Ramos deu as boas noites e se dirigiu rua adiante em redor do grupo. Não vi que ele fosse provocado por ninguém, e nenhuma palavra se trocaram entre ele e o dr.; vi que o dr. estava sentado a conversar distraidamente com o sr. Antonio de Serpa e notei que o sr. tenente Ramos o agrediu inesperadamente e que o meu amigo só deu pela agressão depois do tenente lhe cair em cima. Ató continuo acorreram diversas pessoas que o seguraram.

Aqui tem o meu amigo dr. a expressão da verdade.

Amigo certo,

João Martins Ramos

Sr. Dr. João Pedro de Sousa

Em resposta á carta de V. só tenho a dizer, em primeiro lugar, que quem disser o contrario do que eu presenciei e exponho, não faz mais que faltar á verdade e revelar baixa de carater.

Eis o caso:

—No dia 20 do corrente, á noite, achando-me eu assentado á porta ocidental da tabacaria dos srs. Bandeira e Ramos, onde também se achavam assentados mais cavalheiros, fazendo parte do numero, a 4 ou 5 metros de distancia de mim, o sr. tenente Antonio Francisco Ramos, apparece V. que nos cumprimentou, e, á instancias do dono da tabacaria se assentou junto de mim e do sr. Antonio Bernardo dos Santos Serpa; passados minutos, sem que qualquer de nós desse por tal, o sr. tenente Ramos levantou-se do seu lugar e veio agredir de surpresa a V., que se achava assentado distraidamente a conversar, só dando pelo agressor quando se sentiu agredido, sem sequer ter tempo para se pôr em guarda.

No momento em que isto se passava, levantei-me e tentei deter o sr. tenente Ramos pelas costas, afim de evitar de qualquer modo, o perigo da agressão, visto que V. se achava numa falsa posição, creada pela violencia do ataque do agressor, pois que lhe caiu em cima.

Surgindo da parte de dentro do estabelecimento o sr. Leal que conseguiu separar V. do sr. tenente Ramos.

Esperando merecer a consideração e estima, se confessa

De V.

João Xavier de Paiva

Ex.^{mo} Sr.

Como a *Provincia do Algarve*, por intermedio do seu correspondente de Faro, pretendesse desvirtuar a verdade dos acontecimentos que na rua das Lojas se produziram entre mim, o Ludovico de Menezes, o major Alarcão e o tenente Ramos, e desejando eu que não fique no espirito de ninguém a suposição de que é exato o que elle afirma, rogo-lhe o obsequio de me responder por escrito ás seguintes perguntas:

1.^a—Com quem estava eu na manhã do dia 21, á hora a que me defrontei com o tenente Ramos e o Ludovico de Menezes?

2.^a—E' ou não verdade que o major Alarcão, estando eu agarrado pelo agente de policia n.º 15, se dirigiu a mim, ou melhor, correu sobre mim agressivamente?

3.^a—Nesse momento, que foi quando, em legitimo desfurço, esbofetei o agressor, estava este seguro ou preso por alguém?

4.^a—Porque razão ficou o major sem a cabeleira?

5.^a—E' ou não verdade que depois, quando tudo parecia estar serenado, o major tentou agredir-me novamente, puxando da espada e vindo com ella direito a mim, sem nada justificar o seu procedimento?

Agradecendo o favor da sua resposta, subscrevo-me

De V.

Faro, 29 de agosto de 1912.

João Pedro de Sousa.

Sr. Dr. João Pedro de Sousa

Respondendo á sua segunda carta, pouco lhe poderei dizer, por não ter observado todos os fatos a que V. se refere. Vi V. na rua das Lojas momentos antes de se darem os conflitos; estava acompanhado unicamente de seu irmão dr. Candido, chegando depois ali o sr. José Martins da Cunha, que convidou o sr. dr. Candido a ir ver sua esposa; não vi na rua grupos nenhuns nem observei em pessoa alguma attitudes provocadoras ou exaltadas que deixassem antever quaesquer conflitos. Não assisti ao primeiro encontro que v. ex.^a teve com os officiaes e isto em virtude de ter vindo á minha farmacia uma receita urgente a despatchar; sei, por ver, que já depois dos conflitos parecerem terminados, o major Alarcão tentou agredir-lo com a espada, no momento em que v. ex.^a estava naturalmente conversando com varios individuos, e de certo o teria ferido gravemen-

te se não fosse desarmado por alguns populares.

De v. etc.

João Martins Ramos.

Sr. Dr. João Pedro de Sousa

Recebida a sua carta, de bom grado lhe respondo:

Quanto á 1.^a pergunta, observei que, estando V. junto da farmacia Bandeira & Ramos, na manhã do dia 21, ali chegou seu mano o Ex.^{mo} Sr. Dr. Candido de Sousa, a quem eu pedi para ir ver minha mulher, que tem estado doente, e pegando n'um braço de V. mostrava desejos de que fosse também com elle, e V. desculpou-se, dizendo que para esse lado não queria ir acompanhando, pela razão de que, segundo lhe tinham dito, estava por ali o tenente Ramos e não queria que ninguém dissesse que andava acompanhado, com receio dos officiaes. E' certo, porém, que ainda o acompanhou até ao fundo da rua. Iam os dois somente, porque até eu fiquei atrás conversando com o sr. farmacêutico Ramos, e affirmo que mais ninguém, absolutamente ninguém, estava junto de V. no momento em que se defrontou com o tenente e o Ludovico.

A' segunda pergunta, vi distintamente que foi o major que o agrediu, lançando-se sobre V. que então se encontrava junto do policia n.º 15, e o major, para o agredir, saiu correndo da Drograria Sabath, com a mão na espada.

A' 3.^a pergunta respondo que o major não estava seguro por ninguém no momento em que V. o esbofeteou, e só depois varios populares o seguraram.

Em relação á 4.^a, vi que a cabeleira do major caiu no chão juntamente com o boné, por efeito das bofetadas que V. Ex.^a lhe deu.

A' 5.^a pergunta respondo que o major, quando já tudo estava novamente serenado, tentou novamente agredir-lo, para o que puchou da espada, dirigindo-a em attitude aggressiva contra V. o que foi evitado pelo policia José Tomé, n.º 27.

Subscribo-me com a maior consideração e estima

De v. etc.,

José Martins da Cunha.

Sr. Dr. João Pedro de Sousa:

Recebi a prezada carta de V. Ex.^a, e, respondendo ás perguntas que V. Ex.^a n'ella me faz, direi o seguinte:

Vi passar V. Ex.^a juntamente com seu irmão o sr. dr. tenente-medico, e ninguém mais o rodeava ou acompanhava. Observei que o major Alarcão, vindo dos lados da Havanessa, ou de qualquer outro estabelecimento proximo, se dirigiu para o lugar onde se deu o conflito, e se precipitou aggressivamente sobre V. Ex.^a

No momento em que V. Ex.^a esbofeteou o major Alarcão somente os dois andavam envolvidos, e só depois d'isso alguns populares e policiaes os separaram.

O chinó, o boné e as lunetas caíram no chão por causa das violentas bofetadas que V. Ex.^a lhe deu, e não porque outra mão extranha, como alguém pretende, lho arrancasse.

Depois de tudo apaziguado, vi que o major Alarcão, sem motivo nenhum, dessembainhou a espada, e quiz agredir de novo a V. Ex.^a, sendo então desarmado por varios individuos.

Por ter ouvido a varias pessoas, também sei, com referencia ao conflito que na vespera o tenente Ramos teve com V. Ex.^a; que aquele se portou de uma maneira nada honrosa para quem veste uma farda de official.

Sou com toda a consideração

De v. etc.,

Bartolomeu Pessanha de Mendonça.

Sr. Domingos Angelo:

Como a *Provincia do Algarve*, ao relatar as occorrencias do dia 21, na rua das Lojas, entre mim, o Ludovico de Menezes e os srs. major Alarcão e tenente Ramos, é extremamente parcial e mentirosa nas afirmações que faz, tomo a liberdade de lhe perguntar o seguinte:

Na occasião em que me dirigi ao sr. tenente Ramos e ao Ludovico de Menezes, quem estava ao pé de mim? Diz a *Provincia do Algarve* que era um bando de dez pessoas.

Que resposta ou que palavras proferiu o sr. tenente Ramos quando foi reptado a bater-se comigo? Diz a *Provincia* que ele retorquiu n'estes termos: «Não tenho agora vagar para isso, vou almoçar.»

Qual foi em seguida o procedimento do sr. tenente Ramos?

Diz a *Provincia do Algarve* que o individuo de nome Joaquim dos Santos, vulgarmente conhecido pela alcunha de Begas, se dirigiu ao sr. tenente Ramos, saltando do grupo provocador. Acaso o Begas estava comigo ou junto de quaesquer outras pessoas?

Diz a *Provincia do Algarve* que eu, no momento em que o sr. major Miguel Alarcão pretendeu defender o seu cama-

rada tenente Ramos, avancei para ele e que só depois do referido major estar seguro ou preso por alguém, lhe dei as bofetadas. A *Provincia* até parece pôr em duvida que fui eu quem deu as bofetadas ao sr. major Alarcão!

Na occasião em que este mesmo sr. puchou a espada contra mim, teria necessidade de se valer d'ella para evitar qualquer aggressão imminente?

Espero que me responda a estas perguntas. Tem para mim um alto valor o seu depoimento, porque sei que presenciou estes fatos, mais ou menos, e além d'isso pela circumstancia da propria *Provincia do Algarve* o considerar como um rapaz honesto e são, e sem manchas na sua vida.

Seu amigo,

João Pedro de Sousa.

Sr. Dr. João Pedro de Sousa

Recebi a sua carta e compre-me dizer-lhe: — Que vi o sr. tenente Ramos e o Ludovico de Menezes na manhã do dia 21, á rua das Lojas, e que n'essa occasião, que foi quando se deram os conflitos, estava o sr. dr. João Pedro de Sousa ao pé de seu irmão sr. dr. Candido de Sousa. Vinham pela rua abaixo os dois somente e eu estava á esquerda, junto do policia n.º 15. Ouvi que o sr. dr. dirigiu umas palavras ao tenente Ramos e este olhou para si e nada respondeu, caminhando para o sr. Ludovico de Menezes, a quem cumprimentou. N'isto o sr. dr. João Pedro dirigiu-se para eles e o sr. tenente Ramos desapareceu da circulação, fugindo, o que não devia fazer. Vi o sr. dr. agarrado pelo policia n.º 15. A *Provincia do Algarve* falta á verdade, afirmando que o sr. dr. e seu mano estavam acompanhados de dez pessoas, visto que estavam só, e nem havia na rua qualquer grupo, sendo certo que nem o official de diligencias José Joaquim dos Santos (o Begas) estava proximo. Vinha pela rua abaixo, mas do lado oposto. Quando o sr. dr. João Pedro esbofeteou o major, não estava nenhuma pessoa agarrada a elle. Finalmente, vi que o major puxou da espada para o agredir e não para se defender de qualquer aggressão, pois que o sr. dr. n'essa altura estava socegado.

De v.

Domingos Angelo.

CARREIRA DE TIRO DE FARO

CAMPEONATO DE TIRO CIVIL

Realizou-se no dia 22 de agosto de 1912, com o fim de abrilhantar a festa do Juramento da Bandeira, prestado pelos recrutas da segunda parte do contingente d'este ano, do 3.º batalhão de infantaria 4. Foram os seguintes os premios destinados aos atiradores civis, que concorreram em numero de dezeseis:

Um bronze, representando *A guerra*, offerta da Camara Municipal, que coube ao primeiro classificado, sr. Antonio Correa, que fez 58 pontos e 10 empates em 10 tiros. Um *estojo toilette*, offerta da Associação Commercial, que coube ao segundo classificado, sr. Raul da Silva Duarte, que fez 58 pontos e 10 empates em 10 tiros. Houve desempate entre estes dois atiradores. Uma *manteiguera* em metal e vidro, offerta dos officiaes do 3.º batalhão de infantaria 4, que coube ao terceiro classificado, sr. Francisco Sande Lemos, que fez 57 pontos e 10 empates em 10 tiros. Uma *palmatoria* em metal, offerta da Associação Commercial, que coube ao quarto classificado, sr. André Martins Caiaço, que fez 53 pontos e 10 empates em 10 tiros. O primeiro classificado foi proclamado Campeão.

Faro, 28 de agosto de 1912.

O diretor da carreira,

Francisco José Barros,

Ten. de inf.^a 4.

MAIS EGOS E CONSIDERAÇÕES

Complot de Evora

Prestaram relevantes serviços no telegrafo, por occasião da descoberta do complot de Evora os srs. Moisés Feijão, José do Rosario, F. Fonseca e Manuel Tavares Grelo que também já evidenciara a sua dedicação pela Republica batendo-se corajosamente nas lutas da implantação do regimen quando era chefe da estação telegraphica de artilharia 1.

Felicitemos os republicanos de Evora por terem junto de si tão dedicados amigos das instituições.

Os cordoeiros

Apezar das varias reclamações que neste lugar temos apresentado á Commissão municipal, contra a incomoda permanencia dos cordoeiros no Largo de S. Francisco, estes continuam im-

punemente a atormentar, de sol a sol, os ouvidos dos malaventurados moradores do referido largo.

Agora aventa-se a desculpa de que o referido largo foi aforado para aquele serviço e que a camara não pode rescindir o respetivo contrato.

Não queremos discutir o que esta atoarda contem de estúpido, todavia sempre continuaremos a afirmar que se no referido largo morasse qualquer dos illustres edis os cordoeiros já teriam sido mandados para qualquer local onde não fizessem perda nem dano.

Mas... Quem é pobre pode bem dispensar-se ao luxo de ter ouvidos e tomara a camara tempo para reparar no alinhamento das novas construções que por ali se estão fazendo, para atender ás justas reclamações das freguezias ruraes—que por sinal ainda não foram atendidas—e para proceder contra certos fabricantes de caixotes que utilizam a via publica como se ella fosse propriedade exclusivamente sua!

Será verdade?

Consta-nos que alguns *pinhões*, eméritos provocadores e desordeiros, se absteem agora de sair de noite e explicam o seu gesto pelo terror que dizem inspirar-lhe a carbonaria e certos grupos defensores das instituições vigentes.

Ora os pandegos!

Medo tem eles, mas vergonha...

Comemorando

No proximo aniversario da proclamação da Republica será lançada a primeira pedra para a construção do mercado de frutas e hortaliças na laboriosa vila de Olhão.

A eterna chuchadeira

Os simpaticos admiradores do sr. major Alarcão pretendem agora, por triste cumulo da comedia que se representou na rua das Lojas, convencer os papalvos de que a pergaminhosa cabeleira desse *energico* fidalgo não podia cair por efeito das bofetadas que lhe vibrou o sr. dr. João Pedro de Sousa.

Nesta ordem de ideias, o sr. major tem-se visto grego a requerer exames e a sujeitar-se ao vergonhoso espetáculo de consentir que lhe façam cocegas na cabeça, a fim de se resolver se a cabeleira caiu por virtude das bofetadas ou se teria sido arrancada propositamente.

Houve já um exame feito por dois medicos e neste exame concluiu-se que podia realmente despegar-se como natural consequencia das bofetadas.

Mas um só exame não chegava; era preciso outro, que se realisasse com a interferencia de dois officiaes do exercito. Qual será o resultado?

Olhe, sr. major, uma de duas, e tudo se resolve imediatamente: ou a seu favor, se o exame lhe for feito pelos srs. Beirão Rachado e Ludovico de Menezes, ou a nosso favor, se por ventura se quizer sujeitar a outra prova... ao natural.

E não haverá exames que tenham por fim determinar quem foi que arrancou ao sr. major as sobrancelhas, as pestanas, os dentes e as lunetas?

Intrujices e immoralidades

O Ludovico de Menezes, ao ser preso no dia 25 do corrente, pediu *pelo amor de Deus* ao policia n.º 38 que lhe não aprendesse o revolver, que era a sua desgraça, porque não tinha licença de uso e porte de arma. Ha dez ou quinze testemunhas que observaram este humilhante pedido e que até viram o Ludovico, todo atarralhado, a querer passar o revolver, subrepticamente, para as mãos do filho do major Alarcão, e foi nessa altura que o policia 38 lhe fez a apreensão.

Pois, o Ludovico, sem já se lembrar de todas estas tristissimas e comprometedoras contingencias, foi a Tavira, intrujou o sr. Pires Faleiro, administrador do concelho de Tavira, por vergonha das vergonhas, que o sr. administrador do concelho de Tavira lhe passasse, com a data do dia 24, uma licença de uso e porte de armas!!

E cometem estas ilegalidades e sujeitam-se a estes vexames as autoridades administrativas da Republica!

Até já parecem autoridades do tempo da monarchia.

Mas que? O Ludovico e o Paulino de Andrade assim o ordenaram!... e o sr. Faleiro obedeceu!

A popularidade

Do nosso colega *O Carbonario* transcrevemos as seguintes palavras:

Osr. Paulino—Treme a terra, treme o ceu, treme o mar, treme tudo, e elle... impavido, contempla a sua obra, com a mesma satisfação do Christo no setimo dia.

O Alarcão agita-se dum extremo ao outro, mas S. S.^a não viu ainda o caminhar por onde deve enveredar. Verão

que só depois de ter corrido sangue, é que o despacham para outro sitio.

Tal qual o que aconteceu por cá em janeiro, com relatorios afirmando o contrario do que todos viam e sabiam. Já é ser *calisto*!...

Subscrição Nacional para a compra de aeroplanos

O *Heraldo*, sempre deseioso de contribuir para o engrandecimento da Patria Portuguesa, abre nas suas colunas uma subscrição, cujo produto será aplicado á compra de aeroplanos para serviço do exercito.

Esperançados em que todos os bons portuguezes nos auxiliarão dentro das suas forças, aqui deixamos o nosso apêlo e fica aberta a subscrição:

Transporte ... 7\$800

Antonio Rodrigues de Passos. 1\$000

Soma... 8\$800

NOTICIARIO

Vimos nesta cidade o nosso amigo sr. Frederico de Castro, administrador do concelho de Munchique.

—Deram-nos o prazer da sua visita nesta redação os srs. dr. Candido Guerreiro, José da Costa Ascensão e dr. Ascensão, de Loulé, o sr. Raul Pousão Ramos, de Olhão, e o sr. dr. Ernesto Cardoso, delegado do procurador da Republica em Portel.

—Acompanhado de sua filha, regressou das Caldas da Rainha o sr. David Sabath.

—Tambem partiu para Portimão o sr. Constantino Cumano e familia, e o sr. dr. Cortes e sua esposa.

—Afim de inspecionar os postos meteorologicos do Sul, estiveram em Faro os srs. coronel Almeida Lima e tenente Guilherme Capelo, respectivamente diretor e observador do observatorio do Infante D. Luiz, de Lisboa.

—Foram mord das por um cão ataca do de raiva algumas creanças de Messines, duas das quaes já foram receber tratamento ao Instituto Bacteriologico de Lisboa.

—Partiu para Lisboa o sr. dr. Matos Cid, presidente da Commissão Municipal Administrativa desta cidade.

—Acompanhado de sua familia, partiu para Portimão o sr. engenheiro Carlos A bers.

—Foi atropelado pela propria carroça que guiava, o carroceiro Manuel Mansinho, de Messines, que ficou com um braço deslocado.

CARTEIRA

Fazem anos:

1.^amanhã, domingo — D. Maria des Santos Pacheco, D. Leonor Roque Féria, D. Joana Augusta Correia, D. Antonia Gomes Vieira, D. Adalina Pacheco, dr. Alvaro Judice, Joaquim Vieira dos Santos, José Domingos Soares, Aurelio Belizario Carrajola Travassos Neves e Alfredo Aires de Mendonça Gaziba.

Segunda, 2 — D. Joana da Silva Frazão, D. Maria Moreira Silgado, D. Alice Fernanda dos Santos, D. Ana Lopes Gonçalves, Joaquim dos Santos Malveira, José Antonio Pereira, João da Cunha, Manuel Augusto Vila Lobos e José Mauricio Monteiro.

Tercia, 3 — D. Ana de Bivar Cumano, D. Elvira Libania Ferreira, D. Luiza Eugénia Matos, D. Anastacia das Dors Laranjeira, D. Rosalina Alves Santos, Antonio Filipe Brinca, Joviano da Silva Rosa, Alfredo Esteves de Sousa e Francisco de Paula Rodrigues.

Quarta, 4 — D. Maria Rebelo Neves, D. Eugénia Mendes Luz, D. Gabriela de Sousa Dias, D. Maria da Silva e Melo, D. Eduardo do Carmo Batista, Manuel Carlos, Antonio Vaz Velho da Palma, João de Sousa Faro, Luiz do Carmo Ferreira e o menino Eduardo Moreira da Silva.

Nascimento:

A sr.^a D. Ana Alberto Pousão Pereira, esposa do sr. dr. João Lucio Pousão Pereira, deu á luz com muita felicidade uma interessante creança do sexo feminino. As nossas felicitações.

ESTÁ Á VENDA:

Vinhas, vinhos e prados

POR

A. VENANCIO PACHECO

Br. 600 réis.

OFICIAL DE BARBEIRO

Precisa-se um. Tratar com Vilhena Junior—Faro.

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

PREDIO

Vende-se uma casa com altos e baixos, no largo do Poço de S. Pedro, em Faro, com o n.º A de policia.

Quem pretender, dirija-se a João Lopes do Rosario, ouvidor.

LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO

Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido. Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

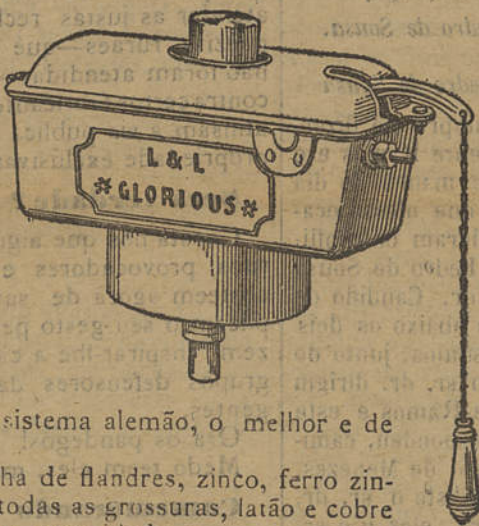
Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gasolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA



A FILHA DO DIVORCIO

Romance parisiense de maior interesse na actualidade, por um dos mais a-mados escriptores francezes e illustrado com magnificas gravuras francezas. Está em publicação pela acreditada casa editora *Bellem & C.ª Succ. Lisboa*. Brindes aos srs. assinantes: uma estampa em chromo com um assento de grande novidade. Caderneta semanal de duas folhas, 10 paginas, 20 réis. Tomo quinzenal ou mensal de 16 folhas, 100 réis. As expedições serão feitas em cadernetas de 20 réis ou em tomos de 100 réis, sendo o porte á custa da empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido a importância antecedente.

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1:000:000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINEIA

RUA DA PADARIA, 32 E 38—LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 réis. Camas a 200 e 300 réis

Biblioteca de Educação Nacional
AS MENTIRAS CONVENCIONALES DA NOSSA CIVILISACÃO
A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO — cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

CONDICÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)
Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1\$440 réis; Provincias, 1\$500 réis
avulso, 120 réis.

Brazil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1\$700 réis.
Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

SEÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

É um remédio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — A saude das creanças.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMBSIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do camião de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despesa esta, consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1060 réis. Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro, e da não menos importante circumstancia da redução da despesa resultando poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO
MARQUES ABREU
Revista literaria e científica de que é Director

JOSÉ MARTINS DA CUNHA

SOLICITADOR REGISTADO EM

VARIOS TRIBUNAES DO PAIZ

Produtos quimicos e farmaceuticos
Ferreagens e papellaria
Vinhos finos e licores
Queijos e mantidos
Despachos de importação, exportação, de navios, etc. etc.

Correspondente de varios jornaes de Lisboa e Porto
Agente de companhias de seguros
Procede a cobranças de rendas e dividendos
Folha de Flandres, marca F. C. D. V.
Óleos para maquinas e luzes

Assuntos de justiça e repartições publicas
Venda de artigos e livros
Fabrica de carimbos e lettras esmaltadas
Mercadoria completa
cofres, prensas e balanças
Escrituração comercial

22 -- RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO -- 22

FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus